

AGRADECIMENTOS

A REDAÇÃO CIENTÍFICA APAIXONADA

Heloisa Junqueira Fleury

Este texto tem duas partes distintas. A primeira é a apresentação do tema *A pesquisa no Psicodrama: questões e reflexões*, no X CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA. A segunda é a última versão de um texto elaborado por mim e pelo José Roberto Wolff, a quem agradeço especialmente.

Instituto Sedes Sapientiae
1996

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I. A PRÁTICA DA PESQUISA APAIXONADA

II. A PESQUISA NO PSICODRAMA

III. A REDAÇÃO CIENTÍFICA APAIXONADA

IV. CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXO 1 - OS PASSOS NA PESQUISA APAIXONADA

ANEXO 2 - O ESQUEMA DA MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Este tema me remete às minhas experiências ensinando os detalhes da Redação Científica com o José Roberto Wolff. Na medida em que vou buscando um foco para o meu olhar, encontro outras experiências relacionadas. Quanto mais busco foco, mais me deparo com as motivações humanas e a qualidade possível da pesquisa de cada um no psicodrama.

Como Assessora Científica¹ na FEBRAP, fizemos várias tentativas de facilitar a produção científica. Em todos estes movimentos, sempre me deparei com a constatação de quanto esta tarefa é árdua para a grande maioria dos psicodramatistas.

Na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, vivemos uma realidade peculiar caracterizada por profissionais de várias abordagens: Psicodramática, Junguiana, Gestalt, Reichiana, Psicanalítica, Rogeriana, envolvidos todos principalmente com a prática clínica. Tendo como objetivo incentivar a pesquisa nesta população, programou-se um Ciclo de Debates e Palestras sobre Pesquisa na Clínica² com filósofos e psicólogos representativos de várias abordagens, para tratarem do fazer pesquisa. Numa promoção tão prestigiada quanto esta, chamou a atenção a baixa participação de alguns setores da Clínica do Sedes. Discutindo esta questão, a

¹Assessora Científica da Diretoria de Divulgação e Comunicação da Federação Brasileira de Psicodrama (gestão 95-96), a cargo da Sílvia Petrilli. Algumas atividades foram promovidas juntamente com a Marlene Marras, Diretora de Ensino e Ciência.

²O Ciclo de Debates e Palestras sobre Pesquisa na Clínica foi promovido pelo Setor de Pesquisa, Documentação e Publicação da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, coordenado pela psicodramatista Dra. Mariangela Pinto da Fonseca Wechsler.

comissão editorial levantou como hipótese a "dificuldade de se incluir a prática da pesquisa no próprio fazer clínico" (WECHSLER et al., 1996).

A prática da pesquisa deve ser alimentada tanto a nível do pesquisador, quanto do objeto a ser pesquisado, ficando a metodologia científica unicamente a serviço de permitir uma apresentação academicamente apropriada da resultante deste processo.

I. A PRÁTICA DA PESQUISA APAIXONADA

SALLIS e AZEVEDO (1996, p.7-14) analisando de que se trata a formação de um indivíduo, afirmam que este processo vai muito além do ser alfabetizado ou da aquisição de conhecimentos, se aproximando muito mais da conquista da própria verdade e de ter a coragem de expressá-la.

Lembraram que, na Grécia antiga, a formação do Homem iniciava-se na Paidéia e tinha como objetivo, num plano individual, a conquista do eu verdadeiro e da honra, enquanto num plano social, o pleno desenvolvimento da ética criadora, ou seja, buscava-se a criação plena possibilitada pelos talentos do homem. Na Paidéia, era valorizada a poética, em que o ser verdadeiro se expressava plenamente, em oposição a uma linguagem mais retórica ou racional. Nesta época, a educação do homem, através do canto, da dança e da expressão, buscava transformá-lo de um selvagem numa "obra de arte estética e ética". Esta formação baseava-se inteiramente numa tradição fundamentada em *mythos*, onde o saber era revelado pelos deuses.

Nesta época, portanto, buscava-se o encontro estético do homem consigo mesmo e com o mundo, valorizando-se a sensibilidade, *mythos*, como instrumento de apreensão da experiência.

SALLIS e AZEVEDO (1996, p. 7-14) salientam que gradualmente, os sofistas, que ensinavam as ciências e as artes, desenvolveram uma grande habilidade em retórica, gramática e lógica, sem qualquer compromisso com a verdade. Buscavam a excelência política. Deste *logos*, surgiu uma racionalidade voltada para o relacionamento interpessoal, que estabelece limites mais definidos entre os seres humanos e entre eles e o cosmo, estabelecendo argumentos passíveis de análise, discussão e julgamento. Com o surgimento deste *logos*,

passaram a valorizar um pensamento puramente racional desprovido daquele colorido do *mythos*. Com isto, a razão, *logos*, passa a funcionar como amarras para o potencial do ser humano.

Nesta época, *logos* e *mythos* se contrapõem fortemente, na medida em que a valorização de uma argumentação puramente retórica afasta a possibilidade de um conhecer mais integral do fenômeno. Para SALLIS e AZEVEDO (1996, p.7-14) porém, considera-los complementares possibilitaria o enriquecimento da pesquisa e da própria prática clínica.

O conceito da tele (MORENO, 1975, p.36), percepção interna e mútua dos indivíduos, se aproxima desta idéia de um encontro estético com a realidade, ou seja, uma apreensão através do *logos* complementada pelo *mythos*. Na pesquisa, permitiria que o conhecimento racional, argumentativo, retórico (*logos*) fosse ampliado pela sensibilidade (*mythos*), se complementando, possibilitando a descoberta de aspectos não acessíveis ao pensamento puramente racional.

Quando MORENO (1984, p.198-9) se refere a auto-tele, a percepção de si mesmo, lembra outro aspecto importante para o pesquisador, que é a apreensão estética, pelo *logos* complementado por *mythos*, não só do assunto pesquisado mas também de sua mobilização pessoal para o que se propõe a pesquisar.

Neste sentido, LEBRUN (1987, p.17-33) e NUNES (1987, p. 269-73) se alongam na compreensão do que seja a paixão, especialmente a partir do levantamento de suas origens etimológicas. O termo grego *pathos* contém dois conceitos distintos: o passional e o patológico.

A paixão em seu significado passional, de uma tendência tão forte que assume o domínio da vida mental, deixando o sujeito passivo a esta vivência avassaladora, torna-se assustadora. Por outro lado, constitui-se num impulso

fecundo para a busca, movimento fundamental na pesquisa, tanto de si mesmo enquanto pesquisador, como na do assunto pesquisado. É notável que tal movimento contenha também o significado patológico. A valorização do *logos* traz uma conotação patológica a este aquecimento do indivíduo, advindo da paixão.

O pesquisador instrumentado unicamente com *logos* dificilmente conseguirá conectar com aspectos mais verdadeiros da sua pesquisa, empobrecendo o caráter estético desta experiência. Da mesma maneira, o pesquisador integralmente apaixonado facilmente poderá se perder nos meandros acadêmicos da transmissão de sua pesquisa, faltando *logos* para fecundar tanto *mythos*. Portanto, a pesquisa será enriquecida pelo autor apaixonado, vibrante neste processo de busca, em si ou no tema pesquisado, desde que tanta paixão seja complementada pelo tempero *logos*.

Estas constatações me levaram a concluir que pode ser insuficiente instruir sobre os passos e detalhes da redação científica (FLEURY e WOLFF, 1994), pois a metodologia científica, embora essencial na elaboração da monografia, tem um poder de ação limitada, se não houver *mythos* e paixão no pesquisador.

II. A PESQUISA NO PSICODRAMA

O Psicodrama praticado no Brasil é multi-facetado e, possivelmente, mais desconhecido do que realmente imaginamos. Na verdade, este desconhecimento não é exclusivo dos brasileiros e muito menos do Psicodrama.

YALOM (1980, 1985), psiquiatra americano, professor na Stanford University School of Medicine, observa que nos seus textos e nas aulas, os psicoterapeutas costumam apresentar a psicoterapia como algo relativamente bem sistematizado. No entanto, nos seus atendimentos, introduzem algo "real", que não consta da teoria, sendo portanto acréscimos não formalmente ensinados. Alerta também para o fato de que provavelmente os psicoterapeutas podem não estar conscientes destas intervenções, o que explica o fato de muitas vezes terem dificuldade em descrever porque determinada pessoa melhorou. Segundo ele, até mesmo FREUD não se referiu às inúmeras intervenções extras no seu relato formal do caso da Srta. Elisabeth von R. Pelas suas notas, recuperou-se a descrição dos bastidores deste atendimento, que evidenciaram uma riqueza muito maior do que aquela apresentada.

ZYGOURIS (1996), psicanalista lacaniana, se refere ao fato de que tanto em supervisões quanto no processo analítico, como num *self-service*, apreende-se muito mais do que se "rouba" do momento vivido do que pelo material formalmente fornecido pelo profissional.

Na interrelação com o seu complementar, todas as nuances possíveis do papel (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988, p.74) estão disponíveis para serem apreendidas. No vínculo terapêutico, a riqueza da experiência vivida através do papel e seu contra-papel, pode estar parcialmente desconhecida dos participantes. No papel de terapeuta, caracterizando os acréscimos pessoais. No inter

relacionamento papel e seu complementar, por ser um vínculo atualizado no aqui e agora, não há nada a ser roubado, pelo contrário está disponível para ser desfrutado em todas suas peculiaridades, tanto aquelas produtivas como as outras também.

Quando fiz a resenha do livro Psicodrama: inspiração e técnica (HOLMES e KARP, 1992), para a REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA, me surpreendi várias vezes com a riqueza de detalhes na apresentação da utilização do Psicodrama, apoiada em referenciais teóricos tão distintos, desde o Psicodrama Clássico até a Psicanálise.

No Brasil, a questão das diferenças entre os psicodramatistas é mais atual que nunca, embora nem sempre abertamente apresentadas enquanto manejos diferenciados da situação prática. É muito possível que os ingredientes pessoais introduzidos comumente nos atendimentos, mobilizados pelas questões existenciais dos protagonistas clamando por uma compreensão, não estarem sendo abertos para uma ampla análise e discussão, ou seja abertos para a pesquisa.

A consequência, para um trabalho científico, pode ser uma apresentação fria, mais racional ou, por outro lado, uma coletânea de dados apaixonados, faltando ou *mythos* ou *logos* para se complementarem, comprometendo o trabalho científico que, sem fecundação, acaba por fenecer nas gavetas dos inúmeros profissionais excelentes que não terminam suas monografias.

O incentivo para a redação científica sem a força da paixão do autor certamente terá um menor efeito prático para esta situação de múltiplos abortos. No caso, aborto da monografia porque quanto a prática, tudo indica que floresce, vide a desproporção entre o número de vivências e *workshops* inscritos para os Encontros e Congressos, em relação ao de trabalhos teóricos e/ou práticos academicamente formulados.

O papel profissional está na fase do *role creating*. Esta justificativa é, a meu ver, bastante arriscada se considerarmos que este desempenho não apresentado para uma análise e discussão perde a oportunidade de ser definido como a riqueza, ou eventualmente a pobreza, do Psicodrama.

A possibilidade de fatores desconhecidos pelo autor estarem contaminando sua prática psicodramática é preocupante na medida em que pode ter uma função importante no empobrecimento da imagem do Psicodrama.

No Sedes, nossos alunos do terceiro ano, na disciplina Psicodrama Contemporâneo, assistem aos atendimentos, de um mesmo caso, dirigidos por vários psicodramatistas convidados, podendo posteriormente analisar e discutir as diferenças constatadas, assim como suas dificuldades com o Psicodrama "tal qual é de fato".

Podemos constatar muitos indícios de que realmente o que se pratica não necessariamente é relatado, perdendo o Psicodrama. É a primazia do *logos* em detrimento da harmonização com o *mythos*, perdendo todos com a não fertilização: autor, leitor, protagonista, platéia e, lamentavelmente, a abordagem psicodramática.

III. A REDAÇÃO CIENTÍFICA APAIXONADA

No Novo Dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1986, p.1479 e 1669), relatório é a "narração ou descrição verbal ou escrita, ordenada e mais ou menos minuciosa, daquilo que se viu, ouviu ou observou", enquanto tese é a "proposição que se expõe para, em caso de impugnação, ser defendida". No relatório, o autor resume, sintetiza e organiza informações obtidas da literatura especializada no assunto abordado, numa apresentação atualizada do tema. Na tese, vai além, apresentando uma análise pessoal destas informações, uma argumentação cuidadosa apoiando conclusões decorrentes de uma minuciosa investigação do tópico.

A pesquisa implica tanto em experimentos originais, observações e a apresentação destas descobertas, como também no aprofundamento de um tema específico. A sua adequação científica dependerá de quanto atenda a estes requisitos: exigir uma análise e discussão das idéias apresentadas, permitir objetividade nesta análise, apresentar uma abrangência razoável e contribuir com a área de estudo. Portanto, havendo uma abordagem acadêmica dos argumentos a serem analisados e discutidos, caracteriza-se uma tese.

Muitas vezes os métodos utilizados na pesquisa empírica não atendem aos assuntos existenciais. No método Fenomenológico-Existencial, busca-se ir além do método do conhecimento popular e o do conhecimento científico, eliminando a separação sujeito-objeto e considerando a pessoa não como um sujeito que pode, em determinadas circunstâncias, perceber a realidade externa mas como uma consciência que participa na construção da realidade (ALMEIDA, 1988, p. 21-2; YALOM, 1980, p.22-3).

ALMEIDA (1988, p. 24-38) identifica o conceito de tele de J.L.MORENO nas idéias do método Fenomenológico-

Existencial. Para a construção de uma pesquisa fecunda, necessariamente o pesquisador parte de uma apreensão da sua realidade interna e da externa. Desta maneira, poderá trazer mais ousadia às suas idéias, fazendo pleno uso de suas possibilidades de análise e discussão, com paixão, das idéias apresentadas, criando uma apresentação academicamente formulada mas ainda assim com toda a riqueza de sua contribuição pessoal, expondo seu envolvimento afetivo com sua obra.

A análise e discussão elaborada terá uma profundidade e uma consistência maior se puder harmonizar *mythos*, na apreensão do seu conteúdo, e *logos* na retórica utilizada na sua apresentação acadêmica.

A redação científica (FLEURY e WOLFF, 1994) indica como primeiro passo para a elaboração de um trabalho científico a escolha do tema. Este é o momento da chama da paixão se manifestar como lanterna mágica na iluminação do autor, explorador de todas suas possibilidades enquanto sujeito cognoscitivo e cognoscível neste longo caminho de construção de uma exposição factível de sua paixão.

Ao elaborar o esquema de seu trabalho científico, *logos* temperado com *mythos* construirão uma seqüência coerente de idéias, apresentadas e defendidas numa contínua análise e discussão dos pontos principais deste saber focalizado.

IV. CONCLUSÃO

Na redação científica, assim como na nossa prática clínica, constitui um grande desafio a busca de uma convivência harmônica entre *logos* e *mythos*. Só assim poderemos evitar perigosas armadilhas do falar, ou do fazer, vazios de significação ou perdidos na paixão. A verdade pode se perder tanto nos floreios lógicos como nas enganadoras cenas apaixonadas. O psicodramatista corre o risco de seguir qualquer uma destas pistas falsas, se distanciando da verdade.

O autor comprometido com a verdade e com a paixão enriquecerá o Psicodrama. Uma abordagem se fortalece com movimentos de agregação, construção, fertilização de suas premissas básicas, movimentos estes que quanto mais abertos para o compartilhamento, mais frutificarão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, W.C. **Formas do Encontro**: psicoterapia aberta. 2º ed. rev. São Paulo, Ágora, 1988.
- CARDOSO, S. et al. **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2º ed. rev. aumentada. São Paulo, Nova Fronteira, 1986.
- FLEURY, H.J. *Psicodrama: inspiração e técnica (Resenha)*. **REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA**, v. 4, fasc.1, p.129-33, 1996.
- _____; WOLFF, J.R. *A Redação Científica*. **REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA**, v. 2, fasc.1, p.11-31, 1994.
- GONÇALVES, C.S.; WOLFF, J.R.; ALMEIDA, W.C. **Lições de Psicodrama**: introdução ao pensamento de J.L.Moreno. São Paulo, Ágora, 1988.
- MARTIN, E.G. **Psicologia do encontro**. São Paulo, Duas Cidades, 1984.
- MORENO, J.L. **Psicodrama**. São Paulo, Cultrix, 1975.
- SALLIS, V.; AZEVEDO, I.C.M. *A Formação do Homem na Antigüidade: a Paidéia e a Estética da Existência, um caminho para se pensar a prática clínica e a pesquisa?* **Cadernos de Pesquisa**: registros e anotações. n. 5, p. 7-14, 1996.
- STRENSKI, E.; MANFRED, M. **The research paper workbook**. 2º ed. New York, Longman, 1985.
- WECHSLER, M.P.F. et al. *Editorial*. **Cadernos de Pesquisa**: registros e anotações. n. 5, p. 4-6, 1996.
- YALOM, I.D. **Existencial Psychotherapy**. New York, Basic Books, 1980
- _____. **The Theory and Practice of Group Psychotherapy**. 3º ed. New York, Basic Books, 1985.
- ZYGOURIS, R. *Uma geografia peculiar*. **PERCURSO**, v.16, fasc.1, p. 98-109, 1996.

ANEXO 1

OS PASSOS NA PESQUISA APAIXONADA

Vamos terminar a MONOGRAFIA? Para começar.....

TEMAS. Aqui surge o primeiro grande entrave. Com certeza precisa vir do coração, *logos* fertilizado por *mythos*. Para isso, vamos deixar fluir as idéias, deixar a imaginação solta para encontrar temas, todos possíveis, sem críticas.. Escreva todos que passarem pela cabeça:

Achando o FOCO neste tema

Dentre tantos temas levantados, vamos selecionar aquele que mobiliza mais.

Para isto, escolha o mais interessante neste momento e transforme-o numa pergunta que você adoraria responder:

Não se acanhe com a reflexão que faremos a seguir, sobre o que caracteriza uma questão de pesquisa apropriada. Tome a reflexão apenas como dicas para aproximar a sua questão escolhida destes requisitos para uma produção científica, ou seja, não destitua sua idéia de *mythos*.

O que caracteriza uma questão de pesquisa cientificamente adequada?

Vamos analisar alguns exemplos:

- Medo da gravidez desencoraja os adolescentes a experimentarem sexo?
- A ignorância sobre sexo é um impecilho para a atividade sexual?
- Acesso a métodos anti-concepcionais encoraja a atividade sexual?
- Educação sexual induz a atividade sexual entre adolescentes?

As possíveis respostas começariam com "Talvez" ou "Depende", evidenciando que a resposta deverá ser uma opinião a ser apoiada em fatos que você deverá pesquisar, condição essencial para uma monografia.

Uma questão de pesquisa cientificamente adequada deve exigir uma análise e discussão dos dados para se chegar a conclusão; deve ser imparcial, permitindo objetividade na análise dos argumentos prós e contras; deve permitir uma certa abrangência, sem tornar-se ampla demais, ou seja, deve manter-se no foco escolhido e deve contribuir para a área pesquisada.

Vamos tentar responder novamente sua questão de pesquisa.

(Experimente várias versões)

Comece a resposta com *Eu acho que*

Escreva novamente a versão melhor das suas respostas:

É possível que esteja "magrinha"? Vamos tentar "engordar" $\oplus \Leftrightarrow \uparrow$!!!

Lembra-se da diferença entre relatório e tese? Pois a monografia, como uma tese, é uma análise e discussão de idéias! Você precisa de, pelo menos, duas coisas substanciais a serem abordadas na resposta à sua pergunta. Dois aspectos teóricos, ou um teórico e outro prático.

Assim, haverão dois grupos de idéias I & II
Depois, a amarração destes dois grupos: III

Portanto, I & II \Rightarrow III

Para "engordar" sua resposta, vamos retomar *o recheio* da sua monografia com três frases que sintetizem o que será abordado. Não deixe que *logos* se sobressaia. Deixe fluir sem críticas para que o recheio fique bem "substancioso".

1

2

3

Uma questão de pesquisa adequada levará naturalmente a uma frase-tema apropriada. Lembremos que:

sua frase-tema, deve conter:

1. um insight pessoal do assunto
2. informações interpretadas e comentadas.

Vamos analisar alguns exemplos de *FRASES-TEMA*

- Medo da gravidez para deter a atividade sexual entre adolescentes varia com suas atitudes em relação ao aborto e o acesso a ele.
- Medo da gravidez para deter a atividade sexual entre adolescentes somente atua entre aqueles que conhecem anatomia suficiente para entender e antecipar a causa e alterar o relacionamento.
- Qualquer possibilidade de contenção da gravidez não funciona devido a curiosidade dos adolescentes sobre sexo e a pressão do grupo para experimentar.

São opiniões claras em resposta a perguntas. A frase-tema escolhida expressará uma interpretação ou uma opinião segura sobre o tema.

Outro exemplo:

A construção de novas estações de metrô deve ser interrompida (opinião clara, apesar de controversa, mas ainda "magrinha", se aproxima mais de uma descrição do tema, por isso vamos "engordar" completando com o que será abordado) *porque são muito onerosas e mais perigosas do que as pessoas imaginam.*

RESUMINDO, A FRASE-TEMA

1. Deve ser uma sentença completa, não apenas a sugestão de um assunto.

Tema: A precisão das previsões do tempo.

Tese: EU PENSO QUE a precisão das previsões do tempo tem aumentado.

2. Deve ser uma sentença afirmativa, jamais uma pergunta.

3. Deve conter uma opinião. Apresentação de fatos caracteriza um relatório. A monografia é uma tese, o que exige a análise e discussão das suas idéias.

4. Deve se posicionar claramente, mesmo havendo bons argumentos apoiando vários lados.

5. Deve marcar claramente uma posição, evitando deixar o leitor curioso com promessas a serem desveladas ao longo da monografia.

6. Combine frases que componham as principais idéias da sua monografia numa única frase e aí estará sua frase-tema.

Vamos treinar juntar frases numa única frase gordona:

1. *Novelas atraem espectadores de todos os estilos de vida.*
2. *Novelas abordam problemas contemporâneos.*
3. *O script das novelas é cheio de suspense.*

Experimente construir uma única frase com estas três:

Existem muitas maneiras de construir esta frase única.
Experimente uma outra versão:

Compare-as com o exemplo abaixo. Todas poderão estar satisfatórias, o importante é achar a sua maneira própria de fazer esta combinação.

Por abordarem problemas contemporâneos e terem o script cheio de suspense, as novelas atraem espectadores de todos os estilos de vida.

Voltemos à sua frase-tema:

Construa uma frase única, juntando aquelas 3 frases (o recheio, lembra-se?), para checarmos se ela está bem convincente. Comece com EU PENSO QUE.....

Experimente uma outra maneira, buscando objetividade, palavras diretas, sem perder a riqueza. Não deixe nada de fora de sua frase. Uma linguagem simples será a melhor ajuda

Vamos para o esquema?
Organizando as idéias

As três frases?

São os capítulos!!! Três capítulos: I, II e III!

No I, familiarize o leitor com o assunto, portanto é um capítulo teórico. No II, apresente a experiência prática ou outro aspecto teórico a ser confrontado ou debatido com I. No último, junte os dois anteriores: discuta a prática (abordada no II) segundo os referenciais teóricos fundamentados no I, ou discuta os dois aspectos teóricos analisados no I e II. Caso seja um trabalho maior, poderá ter mais capítulos, porém CUIDADO! Cheque se as idéias não poderão ser melhor agrupadas ou se você não está com um foco amplo demais.

Vamos dar um título para cada capítulo, que descreva claramente o seu conteúdo. Tente dar mais precisão às suas palavras, melhore ainda mais os três frases que você escreveu lá atrás para "engordar" sua frase-tema.

I.

II.

III.

RECHEANDO OS CAPÍTULOS

Ao final deste texto você encontrará um modelo para a construção completa do esquema da sua monografia.

Após ter nomeado os três (ou mais) capítulos com frases simples e bem objetivas (e que descrevam claramente o seu conteúdo), vamos providenciar o suporte para cada capítulo, que são as idéias (**A**, **B**, **C**) a serem analisadas e discutidas em cada capítulo.

CAPÍTULO I

A.

B.

C.

CAPÍTULO II

A.

B.

C.

CAPÍTULO III

A.

B.

C.

Dependendo do tamanho da monografia, apenas os títulos dos capítulos estarão discriminados no texto. Ainda assim, é importante buscar títulos claros e precisos para estes sub-títulos porque eles ajudarão a dar clareza à sua monografia (provavelmente porque explicitarão a intencionalidade da sua monografia, ou seja, garantirão o tempero *mythos* ou *logos*, dependendo do que esteja faltando para que sua monografia seja uma construção harmonizada destes dois aspectos).

Para aprofundar, num segundo passo, nomeie **1, 2, 3** sob as letras maiúsculas e **a,b,c** sob os algarismos arábicos.

CAPÍTULO I

A.

1.

- a.
- b.
- c.

2.

- a.
- b.
- c.

3.

- a.
- b.
- c.

B.

(e assim também com o restante)

A profundidade do seu trabalho dependerá da qualidade da análise e discussão feitas em cada capítulo. O esquema permitirá que você visualize claramente o esqueleto da monografia: algum aspecto está sendo privilegiado em detrimento de outro? Há paralelismo nas minhas análises? Deixei de aprofundar num dos aspectos confrontados? O esquema permite uma avaliação, talvez até uma certa distância para uma apreciação do aprofundamento da análise e discussão pretendida.

Lembre-se que a superficialidade de uma monografia não é evitada com um número imenso de páginas, mas sim com uma cuidadosa análise e discussão das idéias apresentadas.

Óbvio que a monografia poderá ser maior, com mais capítulos, porém, sugiro que você lute pelo simples, sem *jamaís perder o foco* o que, com certeza, será uma tarefa mais rápida e mais gostosa (para você e para o leitor!). Boa sorte!

Não se esqueça também que um pesquisador deve ser fiel às origens de suas idéias. Todo material obtido na literatura especializada deverá ser discriminado das suas próprias idéias. Utilize cartões de leitura e de bibliografia, discriminando no texto às citações diretas e as paráfrases. (FLEURY e WOLFF, 1994)
Na monografia, além de toda esta batalha na escolha de um foco para pesquisa, análise e discussão das idéias,

outro aspecto essencial é o da apresentação escrita. Aqui vão alguns detalhes essenciais:

1. O trabalho deve ser apresentado digitado em espaço duplo, observando-se em cada lauda 30 (trinta) linhas com 70 (setenta) toques. As páginas deverão estar numeradas, a partir da introdução.

2. O trabalho deve conter, nesta seqüência, a folha de rosto, agradecimentos, quando houver, resumo, sumário, introdução, os capítulos, conclusão, notas, quando houver, e as referências bibliográficas. Em trabalhos de pesquisa, a seqüência é: introdução, métodos, resultados, discussão, conclusão, referências bibliográficas, apêndices ou anexos. Cada uma destas seções estará sempre iniciando uma página nova, com o título centrado no início e escrito em maiúsculas.

3. As referências aos livros e às revistas utilizados como consulta, ou para citações no corpo do texto, serão inseridas ao final do trabalho sob o título "Referências Bibliográficas", escrito em maiúsculas. Serão dispostas em ordem alfabética pelo último sobrenome dos autores e em ordem cronológica da publicação da obra consultada.

3.a Os artigos publicados em revistas serão assim referidos: Sobrenome(s) do(s) autor(es) em letras maiúsculas seguido(s) das iniciais do(s) nome(s), seguidas de ponto. Título completo do artigo, seguido de ponto. Abreviatura ou nome completo da Revista ou Periódico, seguido de vírgula. Volume e/ou fascículo, seguido(s) de vírgula, números da primeira e última página do artigo separados por traço, precedidos de **p.** e seguidos por vírgula. Ano de publicação, ponto.

3.b. Os livros citados serão assim referidos: sobrenome(s) do(s) autor(es) em letras maiúsculas, seguido(s) das iniciais do(s) nome(s), ponto. Título completo seguido de ponto. Quando há responsabilidade intelectual, editor (ed.), organizador (org.) ou coordenador (coord.), indica-se precedido de vírgula. Número da

edição, quando mencionada na obra, ponto, cidade da Editora, vírgula, nome da Editora, vírgula, ano da publicação, seguido de ponto. Série ou coleção e o número do exemplar. Quando é apenas parte da obra, cita(m)-se o(s) sobrenome(s) do(s) autor(es), seguidos das iniciais, título do capítulo ou texto independente, vírgula, número das páginas, precedidos de p. , ponto. A seguir, **In:**, com os dois pontos, seguido da referência da obra. Se possível, seguindo-se ao título do livro, deverá vir, entre parênteses, o ano de sua primeira edição original.

3.c. Tanto para revistas como para os livros, havendo três autores, todos serão citados, com os sobrenomes separados por ponto e vírgula; no caso de mais de três, o nome do primeiro autor será seguido da expressão **et alii** ou **et al**, tanto nas referências bibliográficas como nas citações no texto.

4. As citações literais no corpo do texto devem ser acompanhadas de "aspas" na sua abertura e fechamento. Quando ocupam mais de três linhas, são transcritas em bloco, sem aspas duplas, em parágrafo próprio, deslocado à esquerda e à direita cinco letras, com espaçamento menor. São seguidas, entre parênteses, pelo sobrenome do autor, em letras maiúsculas, o ano da publicação e as páginas consultadas (método alfabético). Ao citar autores no texto, escreve-se, em letras maiúsculas, apenas o último sobrenome. Neste caso, no método alfabético, não é necessário repetir o sobrenome do(s) autor(es), entre parênteses. Quando é uma transcrição não literal das palavras do autor, dispensam-se as páginas consultadas. A opção pela citação textual deve ser criteriosa, pois pode alterar o estilo da redação, constituindo uma quebra na exposição das idéias.

5. As fontes de comunicações pessoais e informações não essenciais ao trabalho são citadas em notas de rodapé, que poderão vir ao pé da página ou ao final do trabalho, numeradas seqüencialmente em algarismos arábicos, listadas numa página sob o título "Notas", escrito em letras maiúsculas.

ANEXO 2
O ESQUEMA DA MONOGRAFIA

Título da monografia:

INTRODUÇÃO

- A.
- B.
- C.
- D. *A frase-tema...*

I.

- A.
- B.
- C.

II.

- A.
- B.
- C.

III.

- A.
- B.
- C.

IV. CONCLUSÃO
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS